SEPULTURAS ESCAVADAS NA ROCHA DA REGIÃO DE BRAGANÇA: CONTRIBUTO PARA O ESTUDO DO POVOAMENTO MEDIEVAL

ANA MARIA DA COSTA OLIVEIRA*

Resumo: *Pretende-se proceder ao inventário, sistematização e estudo das sepulturas escavadas na rocha e analisar a sua relação com os elementos estruturadores do território, expressa em povoados, estruturas fortificadas e templos. Esta análise poderá proporcionar informação fundamental para o conhecimento e compreensão do povoamento medieval na região do nordeste transmontano. Esta leitura integrada possibilitará esboçar uma proposta de evolução da ocupação humana desta região fronteiriça, identificando zonas preferenciais ou estratégicas de fixação e possíveis matrizes de povoamento que caracterize momentos-chave da sua história.*

Palavras-Chave: *Sepulturas; Trás-os-Montes; Território; Povoamento.*

Abstract: *In this paper we present the inventory, systematization and study of the rock-cut graves of the northeast area of Trás-os-Montes (Vinhais, Bragança, Vimioso and Miranda do Douro) and seek to analyze its relation with settlements, military structures, and religious buildings. We expect that this integrated view will help to understand and develop a proposal of the human occupation of this border region, identifying preferential or strategic areas of settlement and possible settlement matrices that could characterize the key moments of its history.*

Keywords: *Rock-cut graves; Trás-os-Montes; Territory; Settlement.*

INTRODUÇÃO

O levantamento e análise das sepulturas escavadas na rocha, localizadas na região leste transmontana (concelhos de Vinhais, Bragança; Vimioso e Miranda do Douro), foi realizado no contexto do nosso estudo sobre o povoamento medieval neste território que, a dado momento, foi determinado pelo desenho de uma fronteira e a consequente necessidade da sua defesa através de castelos. Este processo, longo e complexo, sustenta a nossa investigação no âmbito do doutoramento em Estudos do Património — Arqueologia, na FLUP, com o título *Os castelos e a fronteira entre Vinhais e Miranda do Douro (Séc. XI-XVI): estratégias e diálogos na raia transmontana*, iniciado em 2016 e que conta com o apoio da FCT e do CITCEM.

A evolução do povoamento transmontano, impulsionado pelos monarcas, pelos nobres e pela Igreja, materializou-se em diferentes realidades deixando ao longo dos tempos marcas e testemunhos na paisagem que nos ajudam a compreender o pas-

* Bolseira da FCT. Doutoranda em Estudos do Património (Arqueologia). CITCEM. Email: anamcoliveira@gmail.com.

sado. Entre estes testemunhos contam-se as sepulturas escavadas na rocha; os templos e outros espaços sagrados; os *habitats* de diferentes tipologias; as vias e, claro, as estruturas defensivas que garantiam a defesa das populações e dos seus bens e a manutenção do território: os castelos.

Ancorados nestas extraordinárias estruturas que são os castelos, e na sua importância enquanto marcos territoriais, pretendemos identificar fases estruturantes da ocupação do espaço transmontano ao longo de um período temporal extenso, balizado entre o «nascimento» do reino de Portugal e os alvores da modernidade.

Dada a escassez e limitação da documentação escrita para períodos que marcam os inícios da Idade Média, torna-se incontornável a análise arqueológica dos «vestígios» deixados pelas populações, nomeadamente, os locais de enterramento e a sua associação a *habitats*, templos, fortificações, etc. Ora dentro da realidade funerária, as sepulturas escavadas na rocha tornaram-se elementos incontornáveis para a análise da ocupação e entendimento do território, não só pela sua originalidade como pela sua prevalência enquanto «vestígio».

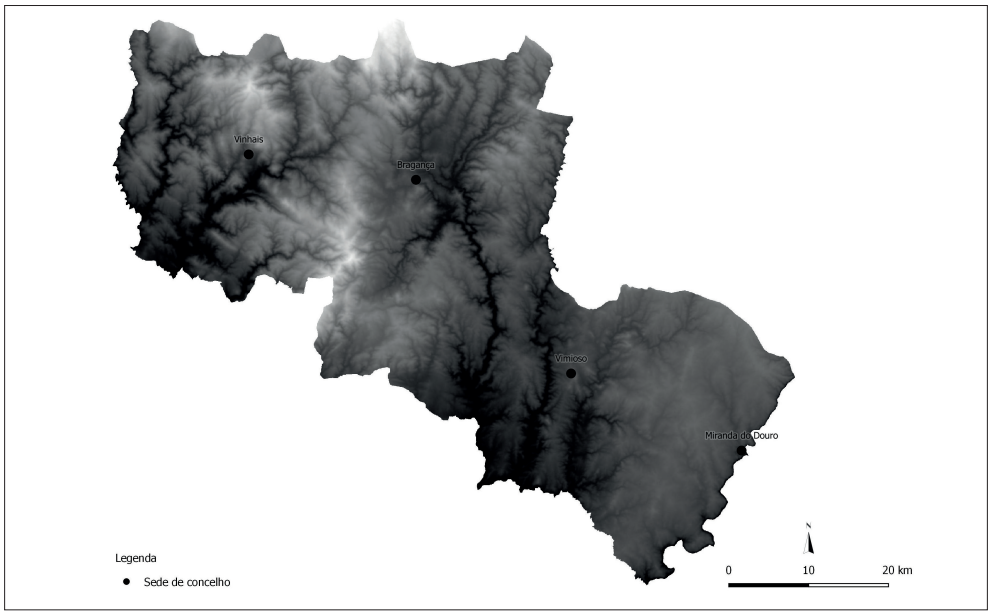
A falta de estudos sistemáticos sobre estas formas de enterramento para a região leste transmontana, obrigou-nos a recolher, sistematizar e analisar o que se encontrava disperso pela bibliografia, pelas bases de dados *online*, nas cartas arqueológicas e em relatórios de trabalhos arqueológicos entretanto realizados. Deste trabalho resultou não só a compilação de dados sobre sepulturas escavadas na rocha, mas também sobre outras formas de enterramento, que interessam para o nosso estudo, mas não para o contexto deste artigo. Os elementos recolhidos foram sistematizados e depois verificados em visitas aos locais, possibilitando assim uma abordagem e conhecimento real da região.

O TERRITÓRIO

Tendo a fronteira nordeste transmontana, entre Vinhais e Miranda do Douro, como foco de estudo, definimos os atuais concelhos administrativos de Vinhais, Bragança, Vimioso e Miranda do Douro como área de análise. Os limites atuais destes municípios não correspondem às diferentes divisões administrativas que, ao longo da Idade Média, desenharam esta região. Dada a complexidade e a dificuldade em definir com precisão estas antigas divisões, e tendo em conta que o eixo do nosso estudo é a fronteira, pensamos ser mais conveniente tomar os limites administrativos atuais como termos para balizar a nossa análise, enquadrando os territórios e os seus elementos nos termos medievais correspondentes a cada época.

Em termos geográficos e geológicos, esta região fronteiriça apresenta uma complexa e diversificada caracterização que resulta na coexistência de diferentes realidades num espaço que fisicamente se encontra mais ou menos delimitado.

Assim, e no extremo oeste da região, a área de estudo está definida pelos rios Mente e Rabaçal; a sul, as serras da Padrela, Nogueira e Mogadouro, que servem de barreira



Mapa 1. Área de estudo
Fonte: César Guedes

ao vale do Douro, marcam também os nossos limites. A norte, a linha desenhada passa pelas serras da Coroa e de Montesinho; e a leste a fronteira é o rio Maçãs e o rio Douro.

Relativamente à rede hidrográfica, e para além dos já referidos rios Maças e Douro, interessa sublinhar a importância dos rios Tuela e, sobretudo, do Sabor, que cortam, juntamento com outros rios menores, o território de norte para sul e de oeste para leste, ou vice-versa, sendo todos tributários do rio Douro o «grande coletor ibérico»[1].

Em termos geológicos, «estamos perante um quadro geológico de grande complexidade», cuja explicação não interessa para este artigo. Interessa apenas sublinhar que na «parte ocidental […], predominam rochas como os xistos, os quartzitos, e os anfibolitos, entre outras», e na parte mais oriental da região de estudo, «predominam rochas magmáticas intrusivas e filonianas, como os granitos e algumas rochas metamórficas, como os metagrauvaques e os gnaisses»[2].

Simplificando, podemos concluir que temos granitos em Vimioso, em Miranda do Douro e em toda a faixa da fronteira da região de Bragança e Vinhais, sendo a zona central de Vinhais, Bragança e um pouco de Vimioso, predominantemente xistosa.

Uma parte substancial deste território tem altitudes superiores aos 700 m, como é o caso da serra da Nogueira, de Montesinho e da Coroa. Contudo, o que aqui ganha destaque são os planaltos que se estendem entre Bragança e Vimioso, bem como o de

[1] MEIRINHOS, 2014: 25.
[2] MEIRINHOS, 2014: 22.

Miranda do Douro, que têm altitudes que rondam os 600-800 m. Estas planuras são interrompidas por elevações, «cujos topos se elevam entre 200 e 300 metros acima da Superfície Fundamental»[3], ou por canais de água, por vezes vincados por ligeira cumeada[4]. Destes canais destacam-se os rios Sabor e Douro, cujas vertentes abruptas quebram a sequência dos planaltos.

AS FONTES DE ESTUDO

Neste vasto território, de contrastes acentuados, a fixação de populações foi sempre um desafio. Os registos, gradualmente acrescentados, vão indicando uma contínua fixação de gente, cuja expressão está longe de ser esclarecedora por falta de elementos e de estudos aprofundados.

A bibliografia analisada, da qual destacamos os trabalhos de Francisco Manuel Alves (Abade de Baçal) e de Francisco Sande Lemos, por serem abrangentes e abarcarem todo o território em estudo, apresentam, muitas vezes, informações ambíguas, baseadas em referências mais antigas que, por sua vez, se fundamentaram em depoimentos orais, cuja memória atual já não recorda e não conhece.

A identificação de sepulturas escavadas na rocha com base na bibliografia levanta muitas dúvidas e imprecisões. As informações deixadas pelos autores são quase sempre escassas e imprecisas quanto a localizações, tipos de sepulcros, número de túmulos e o seu estado de conservação.

Até à data, não existe nenhum trabalho de sistematização, com indicações precisas sobre este tipo de estruturas. O que mais se aproxima a uma compilação de dados, com opções de pesquisa e informações adicionais, como a localização ou bibliografia é a base de dados Endovélico, disponível no Portal do Arqueólogo[5].

Os inventários arqueológicos, realizados no âmbito das revisões dos Planos Diretores Municipais e, principalmente, os trabalhos de escavação arqueológica[6], contribuíram significativamente para o estudo dos locais de enterramento da Idade Média na região leste transmontana. Embora estes trabalhos sejam ainda diminutos e parcelares — dado que quase sempre correspondem a escavações de natureza preventiva ou de emergência, ou a planos de trabalhos de curta duração, onde nem sempre as necrópoles são totalmente registadas e as sepulturas não são escavadas na sua totalidade — eles têm revelado até agora uma diversidade de localizações e, sobretudo, uma certa continuidade dos espaços de enterramento, aspeto que trataremos mais à frente.

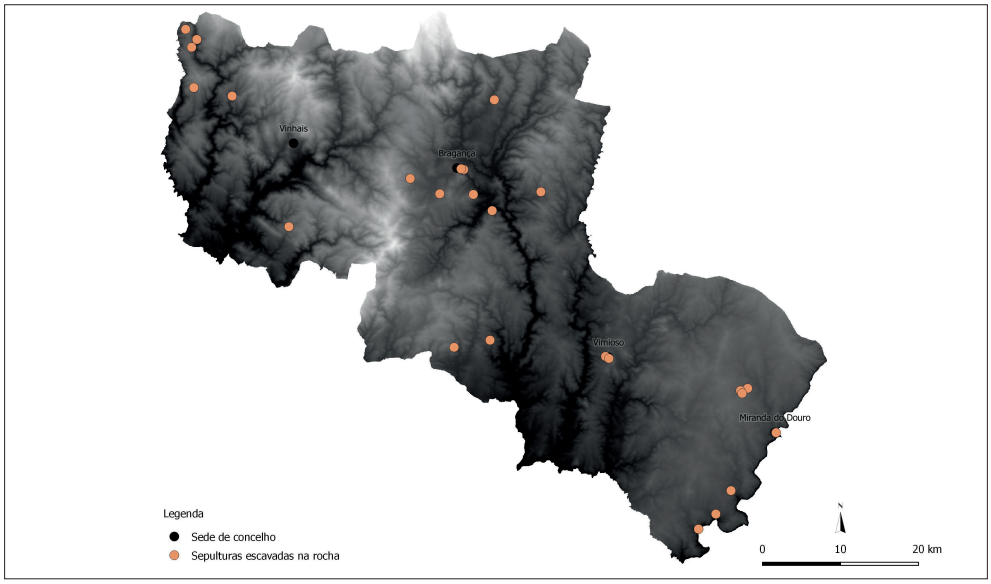
[3] RODRIGUES, DIAS, ALVES, 2009: 249.
[4] MEIRINHOS, 2014: 21.
[5] Disponível em <http://arqueologia.patrimoniocultural.pt>.
[6] O levantamento dos relatórios dos trabalhos arqueológicos realizados na região, até à data de setembro de 2016, teve como base o Portal do Arqueólogo, contatos com os municípios e publicações monográficas. Foi feita uma seleção dos trabalhos cujo objeto de intervenção ou resultados integrassem no período cronológico em estudo (séculos XI-XVI). Num total de 31 processos de trabalhos arqueológicos, foram consultados 46 relatórios.

Esta lacuna no estudo dos modos de enterramento na Idade Média transmontana, e particularmente das sepulturas escavadas na rocha, constituía um obstáculo para a compreensão da ocupação territorial desta região.

Tornava-se, pois, urgente proceder a uma sistematização de dados, com referências a pormenores imprescindíveis para a compreensão da sua ocorrência. Este trabalho tem que ser feito de forma rigorosa sob pena de se perder muita informação. Neste momento, e considerando o universo de sepulcros inventariados, deparámo-nos com um número significativo de estruturas (cerca de 18%) que não têm outro tipo de informação senão a da sua existência. Outras indicam unicamente a sua tipologia/planta. Esta escassez de informação, associada ao desaparecimento das estruturas, causou a perda irremediável de um conjunto importante de referentes que poderiam caracterizar melhor as necrópoles desta região. A urgência da sua sistematização e estudo continuam prementes, pois os investimentos agrícolas que se têm intensificado desde os anos 80 da centúria passada, nomeadamente o plantio de soutos e de olival, bem como a abertura de caminhos agrícolas e estradas municipais, têm ignorado estes vestígios e contribuído para a sua destruição silenciosa.

SEPULTURAS ESCAVADAS NA ROCHA DO NORDESTE TRANSMONTANO

Comparativamente com outras regiões, nomeadamente o vale do Douro, a região leste transmontana apresenta uma grande escassez de registos de sepulturas escavadas



Mapa 2. Sítios inventariados com sepulturas escavadas na rocha no nordeste transmontano
Fonte: César Guedes

na rocha. No total, foram inventariados 26 locais, 8 dos quais sem informação quanto ao número de sepulcros. Nos restantes 18 locais, foram contabilizadas 68 sepulturas para uma área com cerca de 7000 km^2. Do número total de sepulcros, apenas observamos e registamos no terreno 4 monumentos; 40 das sepulturas foram escavadas em trabalhos arqueológicos e as restantes apenas foram identificadas ou surgem referidas na bibliografia.

Tabela 1. Quadro dos locais com sepulturas escavadas na rocha

Vinhais						
Cód.	**Sítio**	**Lugar/ Freguesia**	**CNS**	**Nº SER**	**Fontes**	**OBS**
SERF2	Souane	Quirás	–	?	ALVES, 2000, X: 253.	Não identificada
SERPF4	Lagoa de Cisterna	Quirás	18165	?	Portal do Arqueólogo. Plano Diretor Municipal de Vinhais, 2009. ALVES, 2000, IX: 692. LEMOS, 1993, II: 454.	Destruídas
SERT1	Poula dos Mouros	Vilar Seco de Lomba	5089	22	Portal Arqueólogo. Plano Diretor Municipal de Vinhais, 2009. ALVES, 2000, IX: 693. ALVES, 2000, X: 228. LEMOS, 1993, II: 468.	Não visíveis
SERT5	Santa Locaia	Santalha	19078	1	Portal do Arqueólogo.	Destruída
SERTH6	Igreja de Penhas Juntas	Penhas Juntas	18022	?	Portal do Arqueólogo.	–
SERTPF3	Santa Rufina	Pinheiro Novo	18993	2	Portal do Arqueólogo. LEMOS, 1993, II: 453-454.	Identificadas
Bragança						
Cód.	**Sítio**	**Lugar/ Freguesia**	**CNS**	**Nº SER**	**Fontes**	**OBS**
SER22	Martim Cansado	Samil	–	?	ALVES, 2000, IX: 693. LEMOS, 1993, II: 131-132. LOPO, 1987: 59.	Não visíveis
SERT18	São Cláudio	Gostei	2834	2	Portal do Arqueólogo.	Destruídas
SERT23	Alto do Outeiro	Alfaião	17315	6	Portal do Arqueólogo.	Não identificadas
SERT24	Senhora do Aviso	Serapicos	17617	1	Portal do Arqueólogo. LEMOS, 1993, II: 135.	Não visível
SERTH19	Quinta São Lourenço	Samil	17576	?	Portal do Arqueólogo. ALVES, 2000, X: 62-64. LEMOS, 1993, II: 130-131.	Destruídas
SERTH20	Vale de Igrejas	Aveleda	17332	1	Portal do Arqueólogo.	Destruída
SERTH21	Igreja de São Lourenço	Milhão	17470	1	Portal do Arqueólogo. LEMOS, 1993, II:109. LOPO, 1987: 60.	Destruída
SERTH25	São Justo	Calvelhe	17299	?	Portal do Arqueólogo.	Não visíveis
SERTH26	Igreja de São Francisco	Santa Maria/ Cidade	4696	18	Portal do Arqueólogo. Relatórios Trabalhos.	Não visíveis
SERTH37	Igreja São João	Santa Maria/ Cidade	–	1	BRAGANÇA, 2008: 67-151. BRAGANÇA, 2004: 47-97.	Não visível
SERTH40	Capela São Sebastião	Santa Maria/ Cidade	–	2	BRAGANÇA, 2004: 47-97.	Não visível

Vimioso						
Cód.	**Sítio**	**Lugar/ Freguesia**	**CNS**	**Nº SER**	**Fontes**	**OBS**
SERTH52	Cruzes	Vimioso	4549	3	Portal do Arqueólogo. Plano Diretor Municipal de Vinhais (2015). ALVES, 2000, VI: 575. LEMOS, 1993, II: 431.	Não visíveis
SERTH53	Igreja Matriz	Vimioso	–	1	Plano Diretor Municipal de Vinhais (2015). ALVES, 2007.	Não visível
Miranda do Douro						
Cód.	**Sítio**	**Lugar/ Freguesia**	**CNS**	**Nº SER**	**Fontes**	**OBS**
SER76	Fraga da Penhalta	Malhadas	–	?	SALGADO, 2013: 53-54. ALVES, 2000, IX: 637.	Não identificado
SERH75	Cortinha do Poço	Malhadas	–	1	ALVES, 2000, IX: 636-637.	Não identificada
SERTH65	Capela São Paulo	Sendim	2228	1	Portal do Arqueólogo. SALGADO, 2013: 197. LEMOS, 1993, II: 246-247.	Identificada
SERTH66	Igreja Matriz de Picote	Picote	–	?	ALVES, 2000, X: 815-818. LEMOS, 1993, II: 244-245. LOPO, 1987: 105-106.	Não visíveis
SERTH68	Igreja Matriz Vila Chã Braciosa	Malhadas	–	1	SALGADO, 2013: 532	Identificada
SERTH74	Igreja Nossa Srª Expectação	Malhadas	31827	3	Portal do Arqueólogo. SALGADO, 2013: 53-54. LARRAZABAL GALARZA, 2009. ALVES, 2000, IX: 636-637.	Não visíveis
SERTPF63	Adro da Sé de Miranda do Douro	Miranda do Douro	31496	1	Portal do Arqueólogo. Plano Diretor Municipal de Vinhais (2015). SALGADO, 2009.	Não visível

Fonte: Ana Oliveira

Considerando a sua distribuição por concelho, e nunca esquecendo a natureza dos registos e o estado atual dos estudos, temos 25 sepulturas escavadas na rocha em Vinhais, 32 em Bragança, 4 em Vimioso e 7 em Miranda do Douro.

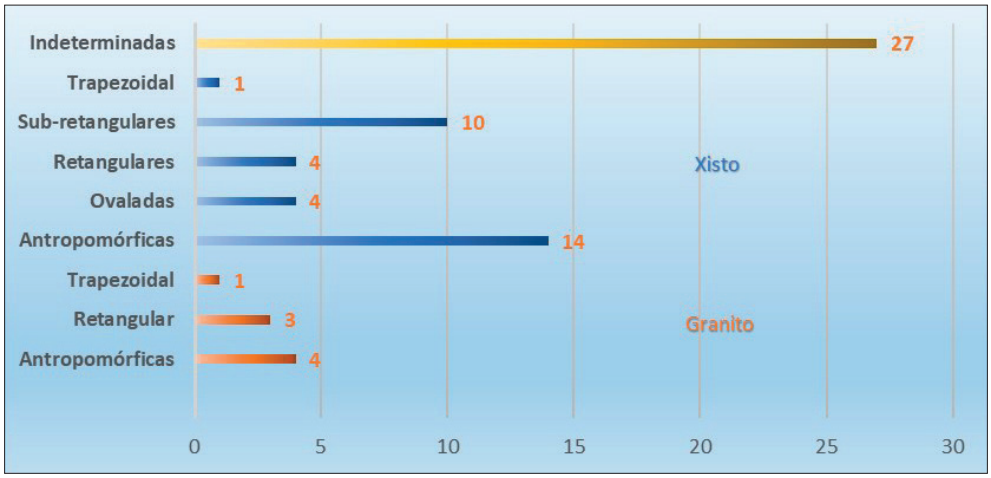
Dos 25 sepulcros em Vinhais, 16 foram escavados na necrópole da Poula dos Mouros (Vilar Seco da Lomba) e 6 apenas identificadas. A bibliografia refere 1 sepultura em Santalha, entretanto destruída, e nós registamos 2 em Santa Rufina (Pinheiro Novo).

Em Bragança, e segundo os relatórios de trabalhos arqueológicos, foram escavadas 18 sepulturas na igreja de São Francisco, 1 no local onde existia a igreja de São João e 2 na capela de São Sebastião, templos que fazem parte da atual estrutura urbana da cidade. Registadas na bibliografia existiam 2 sepulturas em São Cláudio (Gostei), 6 no Alto do Outeiro (Alfaião), 1 na Senhora do Aviso (Serapicos), 1 em Vale de Igrejas (Aveleda) e 1 na igreja de São Lourenço (Milhão), estas duas últimas dadas como destruídas.

Das 4 sepulturas escavadas na rocha registadas em Vimioso, 3 são referidas na bibliografia, num lugar à entrada da cidade chamado Cruzes e 1 foi escavada junto à igreja matriz, portanto, todas nas imediações da cidade.

Finalmente, Miranda do Douro, onde registamos as outras 2 sepulturas, das quatro observadas. 1 sepultura foi registada no lugar designado por Capela de São Paulo (Sendim) e 1 na igreja de Vila Chã da Braciosa. A bibliografia dá conta de 1 sepultura na Cortinha do Poço (Malhadas) e as escavações arqueológicas registaram 3 sepulturas na igreja de Nossa Senhora da Expectação (Malhadas) e 1 no adro da Sé de Miranda do Douro.

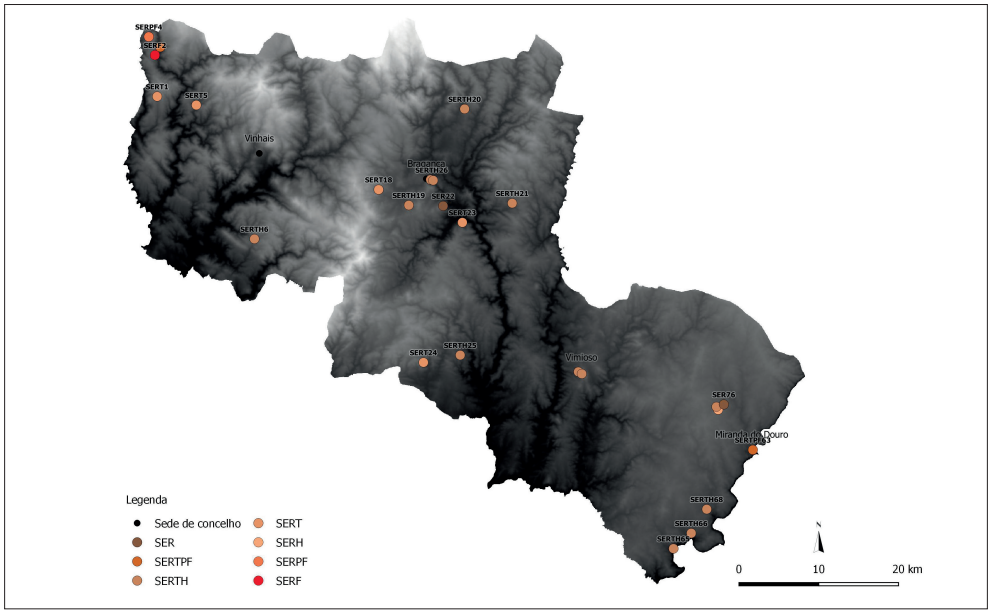
Gráfico 1. Sepulturas escavadas na rocha por tipologia



Fonte: Ana Oliveira

Relativamente à tipologia dos sepulcros, o conjunto das indeterminadas (27 sepulturas) é o mais numeroso, reflexo da natureza dos registos, cuja referência bibliográfica é pouco esclarecedora. Segue-se o grupo das sepulturas antropomórficas com 18 estruturas, sendo 4 escavadas em granitos e 14 nos xistos. Este é o segundo grupo mais numeroso, representando mais de 26% do total das sepulturas referidas e registadas. Segue-se o grupo das sepulturas sub-retangulares, com 10 estruturas, todas elas escavadas nos xistos. Depois registam-se as retangulares, com 7 sepulturas, sendo 3 escavadas no granito e 4 nos xistos. As ovaladas, com 4 sepulturas, todas escavadas no xisto e, finalmente, as trapezoidais, apenas com 2 sepulturas, sendo uma escavada no xisto e outra no granito.

Ainda relativamente aos dados sistematizados, e considerando agora os 26 locais referenciados com sepulturas escavadas na rocha, o levantamento efetuado possibilitou associar as necrópoles ou as sepulturas com os elementos estruturadores do território. Lembramos que esta associação tem por base a atual paisagem e os vestígios conheci-



Mapa 3. Relação das sepulturas escavadas na rocha com as estruturas de povoamento
Fonte: César Guedes

dos, cenário que poderá ser alterado com futuros trabalhos de prospeção arqueológica ou escavação. Temos então sepulturas associadas a fortificações (SERF) — 1 local; a povoados fortificados (SERPF) — 1 local; a templos e povoados fortificados (SERTPF) — 2 locais; a povoado/*habitat* abertos (SERH) — 1 local; a templos (SERT) — 5 locais; a templos e povoado/*habitat* abertos (SERTH) — 14 locais; e por fim, necrópoles e/ou sepulturas aparentemente isoladas ou sem outras referências (SER) — 2 locais.

Olhando para a distribuição destes locais na paisagem concluímos que a grande maioria das necrópoles/sepulturas foram referenciadas associadas a um templo e a um povoado ou *habitat* aberto. Dos 14 locais registados, 7 localizam-se em Bragança, sendo 4 no perímetro da atual cidade, fora das muralhas. Destes quatro, 3 estavam associados às igrejas de São Francisco, São João e São Sebastião, todas localizadas ao longo da rua de São Francisco, na encosta norte do castelo, a uma distância não superior a 200 m umas das outras. O outro local fica no presente limite sudoeste da cidade, num sítio designado como Quinta de São Lourenço (Samil). Quanto aos restantes locais, 2 ficam em freguesias em redor da cidade, em zonas de vale, nomeadamente em Aveleda e em Milhão. Em Aveleda a necrópole estaria associada a um templo que já não existe e em Milhão estaria associada à igreja matriz de São Lourenço. A sétima necrópole desta tipologia localiza-se mais a sul do concelho de Bragança, em Calvelhe, e está associada à igreja matriz de São Justo. Todas estas necrópoles estão em altitudes que rondam os 700 m.

Este grupo de sepulturas de Bragança associadas a um templo e *habitat*, totaliza 25 sepulturas. Será importante referir que à exceção das sepulturas identificadas nas igrejas de São Francisco, São João e São Sebastião, que foram registadas em escavações arqueológicas, as restantes estruturas apenas são referidas na bibliografia e são dadas como destruídas. As mais numerosas (7 sepulturas) são de tipologia sub-retangular, todas identificadas na igreja de São Francisco. O segundo grupo mais numeroso é o das sepulturas designadas como antropomórficas (6 sepulturas), com destaque para a que foi registada na igreja de São João de cabeceira de arco ultrapassado. Para além desta também foram identificadas 2 sepulturas antropomórficas na capela de São Sebastião. Todas as outras são referenciadas na bibliografia e no Portal do Arqueólogo e dadas como destruídas. Por fim, foram registadas 3 sepulturas retangulares e uma ovalada na igreja de São Francisco, sendo todas as restantes indeterminadas.

Em Miranda do Douro existem 4 sítios com sepulturas escavadas na rocha associadas a templos e povoado/*habitats*. Um fica situado em Sendim e é conhecido por Capela de São Paulo. Está referido na bibliografia, no Portal do Arqueólogo e na Carta Arqueológica, mas sem qualquer outra informação para além da sua referência. Este sítio foi identificado por nós, onde registamos uma sepultura escavada na rocha, retangular e com orientação O-E. Fica a pouco mais de 550 m de altitude, numa encosta voltada ao Douro, junto a um estradão que dá acesso à capela de São Paulo, situada no limite da atual linha de água (a 300 m em linha reta da sepultura). Acima da necrópole fica o ermitério dos Santos (a cerca de 200 m). O terreno é acidentado e rochoso, com alguns socalcos, outrora agricultados, definidos por muros em pedra seca. Junto à necrópole é visível à superfície grande quantidade de pedra solta e telha de meia cana. Sande Lemos refere a existência de cerâmica romana[7]

Registamos uma outra sepultura, referenciada na Carta Arqueológica[8], junto à igreja matriz de Vila Chã da Braciosa, cujo orago é São Cristóvão. Foi aberta num afloramento a norte da igreja, a cerca de 40 m desta e a 690 m de altitude. Trata-se de uma sepultura trapezoidal, muito irregular, com orientação NE-SO.

Há ainda registos de necrópoles junto à igreja matriz de Picote, referida na bibliografia e hoje sem vestígios visíveis, e outra localiza-se no adro da igreja matriz de Malhadas, onde foram escavadas 3 sepulturas antropomórficas.

Em Vimioso, referenciamos 2 locais com sepulturas escavadas na rocha associadas a templos e a povoado/*habitats*. Um ficou registado na bibliografia e no Portal do Arqueólogo e tem o sugestivo nome de Cruzes. Este local fica na periferia da cidade

[7] LEMOS, 1993, II: 246.
[8] SALGADO, 2013: 532.

Fig. 1. Sepultura escavada da Capela de São Paulo (Sendim, Miranda do Douro)
Fonte: Ana Oliveira

Fig. 2. Sepultura escavada na rocha da igreja de Vila Chã da Braciosa
Fonte: Ana Oliveira

e seria constituído por três sepulturas de tipologia indeterminada. No desenho de Duarte de Armas, que representa o castelo e a povoação de Vimioso, é visível uma igreja ou capela no local onde terá existido esta necrópole. Hoje não existem quaisquer vestígios dela. O outro sítio onde foi registada uma sepultura escavada na rocha, de tipologia indeterminada, localiza-se no exterior da igreja Matriz de Vimioso, junta da parede sudeste.

A norte da região, em Vinhais, apenas foi registado o local de Penhas Juntas, que segundo o Portal do Arqueólogo, teria, no interior da igreja matriz, sepulturas escavadas na rocha antropomórficas, identificadas nas obras de renovação do soalho. Embora não tenham ficado visíveis, supõe-se que tenham sido preservadas.

As necrópoles de sepulturas escavadas na rocha associadas a templos (SERT), são a segunda categoria mais representada no nosso levantamento, contando com 5 sítios, registados apenas em Vinhais e em Bragança.

Em Vinhais, destaca-se a necrópole de Poula dos Mouros (Vilar Seco da Lomba) referida na bibliografia desde o início do século passado e objeto de intervenção arqueológica nos anos 80 da mesma centúria, na sequência da realização de trabalhos agrícolas que destruíram e puseram à vista alguns sepulcros. Esta necrópole de sepulturas escavadas na rocha, a mais significativa identificada até aos dias de hoje na região em estudo, contava com 22 sepulturas, tendo sido escavadas apenas 16.

No relatório dos trabalhos arqueológicos são referidas 3 sepulturas sub-retangulares, 3 ovaladas, 1 trapezoidal, 7 antropomórficas e 2 indeterminadas. Alguns sepulcros estavam cobertos com lajes de xisto, sobrepostas e colocadas transversalmente, e continham restos osteológicos. Os túmulos tinham orientação E-O e estavam organizados em grupos. Segundo informações orais, terá existido no local uma igreja com invocação a São Martinho. Foi ainda identificado um possível *habitat*, mas de cronologia anterior à necrópole.

Ainda em Vinhais fica o sítio de Santa Locaia (Santalha), referido no Portal do Arqueólogo. Aqui existiria uma igreja dedicada a Santa Leocádia, onde se terá encontrado uma sepultura escavada na rocha antropomórfica, com orientação E-O, coberta com lajes de xisto e, entretanto, destruída. Atualmente, existe no local uma plantação de castanheiros e não são visíveis quaisquer sepulturas. Contudo, observa-se muita pedra solta pelos terrenos e vêem-se alguns alinhamentos de pedra que podem sugerir a existência de estruturas.

Em Bragança, existem referências a sepulturas associadas a templos em São Cláudio (Gostei), onde as informações indicam terem aparecido duas sepulturas antropomórficas junto à igreja de São Cláudio, precisamente, e que foram destruídas pela abertura de um caminho. O outro local registado é o Alto do Outeiro (Alfaião), com seis sepulturas antropomórficas que, segundo o Portal do Arqueólogo, ficaria no alto da aldeia da Pena, junto da capela de Santo Inácio. No local indicado não identificamos quaisquer vestígios de sepulturas e as populações desconhecem a sua existência.

As necrópoles associadas a templos e povoados fortificados, cuja ocupação poderá ter sido diacrónica, surgem em dois locais. Um em Vinhais e outro em Miranda do Douro. No caso de Vinhais, o sítio designa-se por Santa Rufina (Pinheiro Novo) e surge referenciado na bibliografia e no Portal do Arqueólogo. Segundo estas fontes, trata-se de um povoado fortificado, a 670 m de altitude, com um templo de invocação a santa Rufina. O sítio fica junto a um antigo caminho medieval que atravessa o rio Rabaçal através da ponte de Santa Rufina. Na nossa visita ao local identificamos as ruínas de uma estrutura que parece ser um templo e a sepultura retangular referida, para além de uma outra, da mesma tipologia, que está bastante destruída. As sepulturas têm uma orientação NE-SO. Para além destas estruturas são visíveis alinhamentos de muros em pedra seca, placas de xisto, mós, um possível capitel em granito, buracos de postes e fossetes.

Por fim, em Miranda do Douro, no lado leste da igreja da Sé de Miranda, no local onde se implantaria a antiga igreja de Santa Maria, os trabalhos arqueológicos de 2008/2009 puseram a descoberto uma necrópole onde se registou uma sepultura escavada na rocha de configuração antropomórfica.

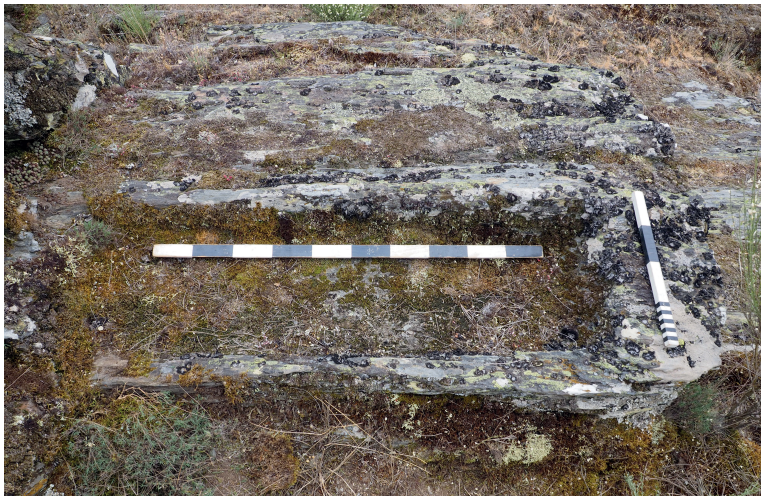


Fig. 3.
Sepultura escavada na rocha de Santa Rufina (Pinheiro Novo, Vinhais)
Fonte: Ana Oliveira

Fig. 4.
Possível fortificação junto a Souane (Quirás, Vinhais) onde há notícia de uma sepultura escavada na rocha
Fonte: Ana Oliveira

As necrópoles ou sepulturas aparentemente isoladas (SER), contam com 2 locais: um em Bragança, em Martim Cansado (Samil); e outro em Miranda do Douro, na Fraga da Penhalta (Malhadas). Ambas sem qualquer outra informação para além da referência a sepulturas escavadas na rocha.

As restantes sepulturas escavadas na rocha ou necrópoles, associadas a fortificações (SERF), a povoados fortificados (SERPF), ou a povoado/*habitat* abertos (SERH), contam apenas com uma ocorrência por cada categoria. A sepultura que se associa a uma fortificação fica em Souane (Quirás, Vinhais); a associada a um povoado fortificado fica também em Vinhais, em Lagoa de Cisterna (Quirás), ambas sem informações relevantes. A sepultura que está associada ao povoado/*habitat* aberto situar-se-ia em Miranda do Douro, na Cortinha do Poço (Malhadas).

AS SEPULTURAS ESCAVADAS NA ROCHA E O TERRITÓRIO

Tendo em conta o atual inventário, verificamos que a implantação das necrópoles e sepulturas escavadas na rocha se situam preferencialmente na zona norte da região de estudo, com maior incidência na zona de Bragança, e são maioritariamente escavadas no substrato rochoso xistoso, rocha predominante na região.

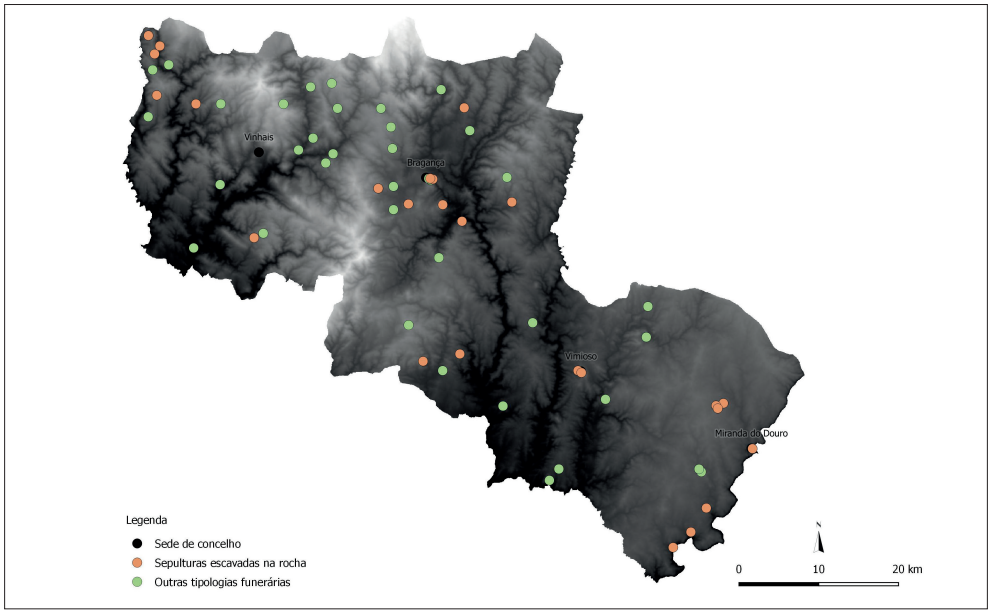
Distribuem-se por locais cujas altitudes variam entre os 550 m (em Sendim, Miranda do Douro) e os 860 m de altitude (Gostei, Bragança). A maioria não ultrapassa os 700 m. Parece haver uma preferência por sítios de média altitude, afastados dos planaltos e dos rios Sabor e Tuela. Esta distribuição mostra um vazio nas regiões de Vinhais e Vimioso e manchas preferenciais em torno de Bragança, nas margens do Douro, em Miranda do Douro, e no extremo de Vinhais, em terrenos acidentados, entre os rios Mente e Rabaçal. A sudoeste da região de estudo, apenas se contabilizam três sítios: um em Vinhais e dois em Bragança.

Uma parte considerável dos sítios localiza-se junto aos cursos de água, mas não necessariamente dos principais. Por exemplo, enquanto em Vinhais os sítios se polarizam preferencialmente nas imediações do rio Mente e Rabaçal, em Bragança distribuem-se, maioritariamente, no vale da cidade em torno do rio Fervença. Em Miranda do Douro temos núcleos próximos do rio Douro, mas também junto ao rio Fresno.

Curiosamente, temos apenas duas ocorrências em Vimioso, que ficam entre os rios Angueira e Maçãs, e uma única ocorrência entre este rio e o rio Sabor. Esta faixa de planaltos, cortados por linhas de água e onde se iria riscar a fronteira, caracteriza-se por um aparente vazio que parece perdurar ao longo dos séculos. Esta observação parece corroborada quando associamos ao mapa das sepulturas escavadas na rocha as necrópoles de outros tipos de enterramentos[9]. Esta ausência de «vestígios» requer ponderação e análise, pois poderá não corresponder a uma real «desertificação», mas antes a uma falha nas prospeções e análises.

Na verdade, a falta de trabalhos arqueológicos e de inventários nesta região, bem como os recentes trabalhos agrícolas e de abertura de infraestruturas municipais, podem explicar parte desta escassa distribuição de sepulturas escavadas na rocha, e mesmo de outras estruturas reveladoras da ocupação territorial. Contudo, lembramos que alguns autores, nomeadamente nos inícios do século passado, dedicaram grande parte do seu tempo a registar os vestígios da passagem do homem nestas paragens e, nem por isso, a informação se tornou mais profícua, pois os seus resultados constam do atual inventário[10].

[9] O Mapa 4 não incluiu o registo dos sarcófagos, tampas ou estelas que também foram inventariadas.
[10] Referimo-nos, sobretudo, à obra de Francisco Manuel Alves (Abade de Baçal), mas também de Albino dos Santos Pereira Lopo.



Mapa 4. Mapa com os sítios das sepulturas escavadas na rocha e com os sítios com outro tipo de enterramentos
Fonte: César Guedes

Dada a natureza das estruturas que aqui tratamos, e tendo em conta que estas podem não estar visíveis, pensamos ser urgente a sensibilização das populações e das entidades públicas e religiosas para colaborarem no processo do seu registo e preservação. Por outro lado, os trabalhos arqueológicos, como escavações arqueológicas e prospeções, têm acrescentado dados importantes para o estudo das necrópoles transmontanas e serão sempre um recurso imprescindível para o incremento do seu conhecimento. Destes trabalhos interessa destacar alguns exemplos que nos parecem bastante interessantes.

O primeiro exemplo, e talvez o mais eloquente, trata-se da Necrópole Medieval de Poula dos Mouros, situada a 250 m a norte da aldeia de Passos, freguesia de Vilar Seco da Lomba (Vinhais). A sua escavação resultou de uma intervenção de emergência, em resposta ao aparecimento de sepulturas em trabalhos agrícolas. As escavações arqueológicas decorreram em duas campanhas realizadas em 1986 e 1987 e foram da responsabilidade de Ricardo Teixeira, Paulo Amaral e Américo Gonçalves. Nesta necrópole, exclusivamente de sepulturas escavadas na rocha, foram identificadas 22 sepulturas e escavadas 16. Os sepulcros foram abertos no substrato rochoso alterado, com uma grande variedade de formas, destacando-se o número de túmulos de tipologia antropomórfica (7). Nenhum enterramento tinha espólio associado, mas alguns conservavam restos osteológicos, que segundo os autores não proporcionaram uma

Fig. 5.
Convento e igreja de São Francisco, Bragança. Atual Arquivo Municipal
Fonte: Ana Oliveira

análise antropológica conveniente[11]. Do total das 16 sepulturas, 7 eram de subadultos. Os indivíduos foram depositados em decúbito supino, com as mãos cruzadas sobre o ventre. Algumas sepulturas apresentavam cobertura com lajes de xisto, colocadas de forma transversal e sobrepostas.

Segundo os autores «a pobreza e escassez de materiais, a orientação e a tipologia das sepulturas evocam um ritual de tumulação cristã, cujos paralelos conhecidos apontam cronologias medievais entre os séculos IX-XI»[12]. Acrescentam ainda que a tradição oral refere uma capela, cujo hagiotopónimo seria São Martinho, e que ficaria a SE da necrópole[13].

Não podemos deixar de referir que os arqueólogos responsáveis pelos trabalhos registaram, a cerca de 20 m a NNE da necrópole, fragmentos de tégula, cerâmica comum, *terra sigillata* e uma foice de ferro, «de lâmina curta que encontra paralelos próximos nas foicinhas representadas nos silhares siglados do nosso românico», bem como uma estrutura de combustão, talvez relacionada «com o trabalho do ferro, como a abundante quantidade de escória deixa supor»[14]. Ainda segundo os investigadores estes vestígios poderão indicar uma possível área de *habitat* de cronologias anteriores à necrópole.

Na região de Bragança identificaram-se sepulturas escavadas na rocha em 3 sítios: na igreja de São João, na capela de São Sebastião e na igreja de São Francisco. Todos os templos, situados na atual urbe, são próximos uns dos outros.

[11] TEIXEIRA, AMARAL, GONÇALVES, [s.d.]: 3.
[12] TEIXEIRA, AMARAL, GONÇALVES, [s.d.]: 3.
[13] TEIXEIRA, AMARAL, [s.d.]: 12.
[14] TEIXEIRA, AMARAL, GONÇALVES, [s.d.]: 3-4.

Deste grupo destacaremos as escavações realizadas na igreja de São Francisco, que decorreram em diferentes campanhas, entre 1996 e 1997, e cuja responsável do projeto foi Maria Mulize Neves Ferreira, contando com a colaboração de outros técnicos.

Foram escavados 62 enterramentos, sendo 18 de sepulturas escavadas na rocha. Segundo os autores, foram identificadas diferentes fases de enterramento, sendo grande parte dos sepulcros enquadrados em cronologias do século XVIII e da 1.ª metade do século XIX. Sublinham ainda que, o término dos enterramentos datará de 1848, data a partir da qual se deixa de enterrar dentro das igrejas. Acrescentam que as sepulturas escavadas, mesmo as que pertencem a um período mais recuado, não serão anteriores aos finais do século XVIII, isto porque sobreviveram restos de tecido e outros materiais que não se deterioraram num período curto de tempo[15].

No entanto, e apesar da baliza cronológica apontada, foram observadas algumas situações estratigráficas que levantaram dúvidas, pois umas sepulturas escavadas na rocha foram destruídas pelos enterramentos superiores, outras não têm relação estratigráfica com o edifício e outras são cortadas pelas valas das paredes do templo, sucessivamente alterado. Uma sepultura escavada na rocha conservava ainda restos osteológicos, um rosário e cabedal dos sapatos, encontrando-se destruída por enterramentos de fases posteriores. Neste caso as autoras não atribuíram à sepultura uma cronologia anterior ao século XVIII[16].

Contudo, no relatório das escavações realizadas no nártex da igreja de São Francisco, as mesmas autoras referem uma primeira fase de enterramentos com duas sepulturas escavadas na rocha sem quaisquer vestígios osteológicos ou espólio. Acrescentam que «foram destruídas por acontecimentos exteriores, delas só restando os buracos de sepultura não possuem elementos intrínsecos de datação. Só é possível datá-las como anteriores a todas as outras estruturas e depósitos»[17].

Ora, no mesmo relatório, são ainda identificadas outras duas fases que interessam para a nossa análise. A fase 2 que tem sepulturas escavadas na rocha, sem enterramentos e espólio e que cortam as sepulturas da fase 1, e a fase 3 que diz respeito à construção do muro «que forma a parede Oeste na nave da igreja de São Francisco», cujo alicerce encosta à rocha base e corta uma sepultura escavada na rocha da fase 2. Todos os sedimentos escavados encostariam a esta parede e cobriam os níveis anteriores[18]. Os enterramentos com vestígios osteológicos e espólio registam-se em relação com estes sedimentos.

[15] FERREIRA, PINTO, 1996a: 67.
[16] FERREIRA, PINTO, 1996a: 10.
[17] FERREIRA, PINTO, 1996b: 5.
[18] FERREIRA, PINTO, 1996b: 8-9.

Fig. 6.
Vale do Douro (Sendim, Miranda do Douro)
Fonte: Ana Oliveira

Ora, lendo os relatórios podemos aceitar que, pelo menos na zona do nártex, os enterramentos posteriores à fase 2 poderão ter ocorrido em cronologias a partir do século XVIII. Contudo, os da fase 2 e, principalmente, os da fase 1, são claramente anteriores, assumindo as autoras desconhecerem a sua cronologia. Esta conclusão, associado à certeza, apresentada pelas mesmas autoras, da reutilização de sepulturas e ao facto da igreja ter sofrido grandes alterações, sobretudo nos séculos XVII e XVIII, poderá sugerir uma cronologia muito mais recuada para algumas das sepulturas escavadas na rocha, nomeadamente para as que foram identificadas nas primeiras fases.

De facto, a questão cronológica das sepulturas escavadas na rocha ainda não encontrou um consenso razoável. Dada a sua natureza rupestre, em que a estrutura é escavada diretamente na rocha, as datações são sugeridas, em caso de serem alvo de escavações, pelas relações estratigráficas de elementos externos aos sepulcros (como muros, valas, outros enterramentos, etc.), ou nos sedimentos e espólio que os enche, cujo grau de fiabilidade é pouco seguro, pois, não raras vezes, sofreram violações, alterações, ou reaproveitamentos, como terá sido o caso dos enterramentos da igreja de São Francisco (Bragança). Por outro lado, a falta de espólio, como no caso da necrópole da Poula dos Mouros (Vilar Seco da Lomba, Vinhais), não deixa outra solução senão a sugestão cronológica baseada em paralelos tipológicos, sugeridos em trabalhos anteriores.

Não sendo nossa intenção problematizar as conclusões dos trabalhos arqueológicos realizados e muito menos os estudos que têm caracterizado esta original forma de enterramento, cuja investigação conta com largos e importantes contributos, convenientemente fundamentados, parece-nos que será mais interessante, neste

Fig. 7.
Igreja matriz de Malhadas (Miranda do Douro)
Fonte: Ana Oliveira

caso, relacionar este tipo de sepulcros rupestres com outros tipos de sepulcros que, na região em análise, sobreviveram num mesmo espaço cemiterial tentando estabelecer padrões ou modos de uma ocupação contínua ou descontínua do território.

Assim, e para além do exemplo já referido da igreja de São Francisco de Bragança, onde há uma sobreposição de enterramentos, ao que tudo indica de diferentes tipologias e cronologias, existiria ainda esta «convivência» na capela de São Sebastião e na igreja de São João, também em Bragança. Esta continuidade de enterramentos em espaços cemiteriais da cidade não sugere uma novidade, tendo em conta que esta urbe terá sido um dos principais polos de fixação de populações ao longo de séculos, como bem atestam os vestígios encontrados nas intervenções arqueológicas que, entretanto, aí se realizaram e que apontam para cronologias de época romana[19].

A questão da continuidade, coloca-se então com mais pertinência para o resto do território bragançon. Dos 26 locais identificados com sepulturas escavadas na

[19] Para o caso, referimo-nos sobretudo aos trabalhos arqueológicos desenvolvidos no âmbito da Polis de Bragança, em que parte dos resultados constam nas monografias *Bragança um olhar sobre a História* e *Bragança um olhar sobre a História II* (BRAGANÇA, 2004, 2008).

rocha, 7 têm referências a sepulturas escavadas na rocha e a sepulturas delimitadas por lajes. Destes sete locais, quatro são em meio urbano: três ficam em Bragança, como já referimos, e o outro fica em Miranda do Douro, junto da Sé. Em todos estes locais, a maioria dos enterramentos pertencem a outra tipologia funerária, nomeadamente a sepulturas delimitadas por lajes.

Os outros três locais são em Sendim (Miranda do Douro), no sítio da Capela de São Paulo, onde nos parece existirem sepulturas delimitadas por lajes; outro fica em Gostei (Bragança), no sítio da Capela de São Cláudio, onde haveriam sepulturas também delimitadas por lajes, todas destruídas, bem como, epígrafes romanas e um miliário de Maximiano; por fim, na igreja de Nossa Senhora da Expectação, em Malhadas (Miranda do Douro).

Porque não temos oportunidade de, neste espaço, analisar convenientemente todos estes casos, escolhemos o exemplo da necrópole da igreja matriz de Malhadas com invocação de Nossa Senhora da Expectação, intervencionada em 2001, com a escavação de várias sondagens no exterior e à volta do templo e cujos trabalhos foram da responsabilidade de Javier Larrazabal Galarza. Parece-nos um exemplo claro de continuidade dentro dos espaços sepulcrais.

Os trabalhos arqueológicos realizados na igreja de Malhadas permitiram identificar 24 inumações, tendo sido escavadas apenas 11. Os trabalhos de escavação foram realizados em fase prévia à obra que pretendia instalar infraestruturas relacionadas com a drenagem de águas pluviais. As sepulturas escavadas na rocha foram identificadas, segundo o autor, nas sondagens 4, 7 e 8, localizando-se uma junto ao portal e duas na zona da cabeceira. Duas das sepulturas foram cortadas pela construção da igreja, sugerindo assim a sua anterioridade em relação ao edifício. Nos sedimentos que cobriam estes sepulcros escavados na rocha foram identificadas outras sepulturas, delimitadas por pedras e cobertas por lajes sobrepostas, constituindo claramente enterramentos de época posterior.

Devemos referir que no mesmo espaço, zona norte da igreja, foi escavada uma estrutura de combustão, que o autor diz poder tratar-se de um forno de cerâmica alto-imperial, que, de acordo com o que é dado a entender, não se relacionaria com a necrópole. Foram ainda recolhidas cerâmicas de cronologias romanas, nomeadamente *sigillata*, e uma epígrafe reaproveitada na construção da igreja, somando-se às que já se conheciam usadas com o mesmo fim.

Quanto a cronologias o autor diz que a fase das sepulturas escavadas na rocha poderá ser integrada num momento prévio

> *à instauração da paroquia de Malhadas nos começos do século XIII, vinculadas seguramente a uma comunidade rural reduzida e dispersa que teria o seu cemitério na superfície de um penedo granítico delimitado por um pequeno muro.*

Posteriormente, após a criação da paroquia, a zona seria aterrada inaugurando-se a prática de um novo tipo de inumação individual, em cistas de lajes construídas sobre um pequeno rebaixe efetuado na terra. Esta fase desenvolver-se-á até a construção do novo templo nos finais do século XV — começos do XVI e a ela deverão associar-se algumas estelas discoides decoradas com cruzes que se encontram atualmente no interior da igreja[20].

Esta hipótese cronológica sugere uma continuidade no uso desta área como espaço cemiterial e a possível associação desta necrópole a um templo. Como refere o autor, as inquirições de 1258 fazem referência à paróquia de Santa Maria de Malhadas. O autor levanta ainda a hipótese de ter existido um templo primitivo, talvez com uma necrópole de sepulturas escavadas na rocha, que, entretanto, foi substituída por um outro templo, mantendo-se o espaço cemiterial, agora com formas de enterramento. Note-se, que o autor não encontrou vestígios de um templo anterior ao atual.

NOTAS FINAIS

Numa análise, ainda que superficial, aos elementos que fomos recolhendo podemos sugerir, para o período cronológico que diz respeito ao nosso trabalho, uma continuidade de ocupação em algumas regiões deste território transmontano. Tomando como ponto as sepulturas escavadas na rocha e comparando a sua distribuição com as informações obtidas nas inquirições de 1258 e 1288, altura em que grande parte das paróquias já estão estabelecidas, bem como as suas igrejas, encontramos correspondências entre 5 sítios com sepulturas escavadas na rocha e paróquias do século XIII. O primeiro é o sítio da Igreja Penhas Juntas (Penhas Juntas, Vinhais) que corresponde à paróquia e freguesia de Penhas Juntas das Inquirições de 1288-1290[21]. Em 1258 esta paróquia não é referida; o segundo é a igreja de São João (cidade de Bragança), igreja hoje desaparecida, referida como paróquia de São João em 1258[22]; o terceiro é o sítio de São Justo (Calvelhe, Bragança), junto à igreja matriz e que corresponde à paróquia de São Justo de Calvelhe em 1258[23]; o quarto exemplo, é referente ao sítio da Igreja Matriz de Vimioso e corresponde à paróquia de São Vicente de Vimioso de 1258[24]; e por fim, a Igreja de Nossa Senhora da Expec-

[20] LARRAZABAL GALARZA, 2009.
[21] PMH, Inq. 1288-1290, 4(2), IV, 1958: 260-262. Pertencente ao Julgado de Bragança.
[22] PMH, Inq. 1258, I, 1961: 1289-1290. Pertencente ao Julgado de Bragança.
[23] PMH, Inq. 1258, I, 1961: 1308. Pertencente ao Julgado de Lamas de Orelhão.
[24] PMH, Inq. 1258, I, 1961: 1284-1285. Pertencente ao Julgado de Algoso, terra de Miranda.

tação em Malhadas (Miranda do Douro) que corresponde à paróquia de Santa Maria de Malhadas, referida em 1258[25].

Além destes locais, registamos ainda 2 sítios com sepulturas cuja localização e hagiotopónimo correspondem a paróquias do século XIII, mas que, na atualidade, as sedes de freguesia e igrejas matrizes estão deslocadas em relação às necrópoles. Trata-se do sítio de Santa Locaia, que fica a pouco mais de 1 km da atual paróquia e freguesia de Santalha (Vinhais), que mantém o orago de Santa Eulália. Esta localidade é referida nas inquirições de 1258[26] e nas de 1288-1290[27]. Outro sítio é o de São Cláudio com referência a sepulturas junto à capela que fica entre a localidade de Formil (Gostei, Bragança) (a 500 m) e a localidade de Gostei (Bragança) (a cerca de 800 m). A paróquia de Gostei não é referida nas inquirições, mas a localidade de Formil aparece como paróquia nas inquirições de 1258[28] e como paróquia e freguesia nas inquirições de 1288-1290[29]. Hoje, Formil é uma aldeia pertencente a Gostei, sendo esta localidade sede de freguesia e cuja igreja matriz tem como orago de São Cláudio.

Não esquecendo os condicionalismos que determinaram este levantamento de sepulturas escavadas na rocha, e tendo em conta que nem todas as paróquias terão sido interrogadas em 1258 ou em 1288, temos, de momento, uma continuidade na ocupação dos espaços religiosos e de *habitat* em 19% dos sítios registados, entre o período que medeia a abertura dos sepulcros rupestres e os finais do século XIII.

Esta análise poderá ser muito mais aprofundada se considerarmos outras variáveis, contudo a complexidade de associações e hipóteses não cabem neste artigo, sendo motivo de estudo na investigação em curso no âmbito do doutoramento.

O tratamento dos dados recolhidos é um trabalho ainda em progresso. Requer uma análise atenta e aprofundada, que permita cruzar as informações obtidas através dos trabalhos arqueológicos com os dados enunciados na documentação medieval, entretanto recolhida e em processamento, e que não se resume apenas às inquirições do século XIII.

Cremos que a sistematização e análise das sepulturas escavadas na rocha, conjugada com a análise dos elementos estruturadores do povoamento, como os locais de *habitat,* os templos, as fortificações e as vias, conjugada com outras análises, nomeadamente toponímicas permitirá esboçar uma proposta de evolução territorial ao longo da Idade Média e entender como este território complexo acabou integrado no reino de Portugal.

[25] PMH, Inq. 1258, I, 1961: 1283. Pertencente ao Julgado de Algoso, terra de Miranda.
[26] PMH, Inq. 1258, I, 1961: 1341-1342. Pertencente ao Julgado de Vinhais.
[27] PMH, Inq. 1288-1290, IV, 1958: 225. Pertencente ao Julgado de Vinhais.
[28] PMH, Inq. 1258, I, 1961: 1321. Pertencente ao Julgado de Lamas de Orelhão.
[29] PMH, Inq. 1288-1290, IV, 1958: 250. Pertencente ao Julgado de Bragança.

FONTES

ARMAS, Duarte de (2006). *Livro das Fortalezas. Introdução de Manuel da Silva Castelo Branco.* 3.ª Edição. Lisboa: Arquivo Nacional da Torre do Tombo; Edições Inapa. Fac-simile do Ms. 159 da Casa Forte do Arquivo Nacional da Torre do Tombo.

PMH, Inq: *Portugaliae Monumenta Historica: Inquisitiones. Inquirições Gerais de D. Afonso III (1258).* Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa, 1961, vol. I, pars II, fasciculo VIII.

PMH, Inq: P*ortugaliae Monumenta Historica: Inquisitiones. Inquirições Gerais de D. Diniz de 1288, Setenças de 1290 e Execuções de 1290.* Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa, 2015, Nova Serie, vol. 4, pars II.

BIBLIOGRAFIA

ALVES, Francisco Manuel (Abade de Baçal) (2000). *Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança*. Bragança: Câmara Municipal de Bragança; Instituto Português de Museus – Museu do Abade de Baçal. Tomo I-XII.

ALVES, Paulo Carlos (2007). *Praça Eduardo Coelho e zona envolvente (Vimioso). Sondagens Arqueológicas.* Gabinete Técnico Municipal. Câmara Municipal de Vimioso.

BRAGANÇA (2004). *Bragança um olhar sobre a História*. Bragança: Câmara Municipal de Bragança.

BRAGANÇA (2008). *Bragança um olhar sobre a História II*. Bragança: Câmara Municipal de Bragança.

FERREIRA, Maria Mulize Neves; PINTO, Maria Jacinta Ordaz Paiva (1996a). *Escavações Arqueológicas na Igreja de S. Francisco, Bragança*. Relatório Preliminar – Sondagem na área B. (Processo: S – 04696).

FERREIRA, Maria Mulize Neves; PINTO, Maria Jacinta Ordaz Paiva (1996b). *Escavações arqueológicas na igreja de S. Francisco, Bragança*. Relatório Preliminar – Sondagem na área D. (Processo: S – 04696).

LARRAZABAL GALARZA, Javier (2009). *Trabalhos de acompanhamento arqueológico na Igreja Paroquial de Malhadas*. Relatório Final. (Processo: S – 31827).

LEMOS, Francisco de Sande (1993). *Povoamento Romano de Trás-os-Montes Oriental.* Braga: Universidade do Minho. Tese de Doutoramento.

LOPO, Albino dos Santos Pereira (1987). *Apontamentos Arqueológicos*. Braga: Instituto Português do Património Cultural.

MEIRINHOS, Luís Miguel Pires (2014). *A evolução da Terra de Miranda: Um estudo com base nos Sistemas de Informação Geográfica*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Dissertação de Mestrado.

RODRIGUES, Joana; DIAS, Graciete; ALVES, M. Isabel Caetano (2009). *Caracterização do Património Geomorfológico do Parque Natural do Douro Internacional (NE de Portugal) com vista à sua valorização*. Braga: Associação Portuguesa de Geomorfólogos, vol. VI, pp. 249-254.

SALGADO, Mónica (2009). *Relatório preliminar das sondagens arqueológicas realizadas do lado nascente da igreja e Largo da Igreja, antiga Sé de Miranda do Douro*. Miranda do Douro.

SALGADO, Mónica (2013). *Revisão do PDM do concelho de Miranda do Douro*. Câmara Municipal de Miranda do Douro.

TEIXEIRA, Ricardo; AMARAL, Paulo; GONÇALVES, Américo [s.d.]. *Relatório preliminar da 2.ª intervenção arqueológica de emergência na necrópole da Poula dos Mouros – Vinhais*. Processo: S – 5089.

TEIXEIRA, Ricardo; AMARAL, Paulo [s.d.]. *Relatório preliminar da Intervenção Arqueológica de emergência na Necrópole da Poula dos Mouros – Vinhais*. (Processo: S – 02496).

Endereços eletrónicos

Portal do Arqueólogo. Disponível em <http://arqueologia.patrimoniocultural.pt.>.

Carta Arqueológica de Miranda do Douro. Disponível em <https://www.cm-mdouro.pt/uploads/document/file/692/Carta-Arqueologica-e-Patrimonio-Cultural.pdf.>.

Plano Diretor Municipal de Vinhais. Disponível em <https://www.cm-vinhais.pt.>.

Plano Diretor Municipal de Miranda do Douro. Revisão 2015. Disponível em <https://www.cm-mdouro.pt.>.